

“Bunitim demais da conta”: crenças e atitudes linguísticas sobre o “falar mineiro” da região metropolitana de Belo Horizonte

Marcus Garcia de Sene (CNP/PPGL-UFRR)*

<https://orcid.org/0000-0002-2715-5294>

Resumo:

O entendimento da variação linguística como prática social envolve compreender não só como as pessoas produzem e fazem uso da língua nas práticas sociais diversas da sociedade, implica incluir, também, como os falantes percebem e interpretam o que está sendo dito ou, ainda, como eles avaliam, de modo geral, a língua em uso. Diante da necessidade de compreender como os falantes mineiros da região metropolitana de Belo Horizonte avaliam o modo mineiro de falar, nesta pesquisa, um instrumento de crenças e atitudes linguísticas é elaborado. Com isso, o objetivo deste estudo é verificar se os mineiros inquiridos tendem a reagir de forma positiva ou negativa sobre o seu modo de falar, além de quais são os significados sociais mobilizados pelos respondentes da pesquisa para caracterização de sua variedade dialetal. Os respondentes apresentaram uma coesão social na forma como eles avaliaram o seu próprio modo de falar. Um sentido de orgulho e solidariedade com o grupo a que o falante está presente é perceptível com base nos significados sociais elencados como caracterizadores do modo de falar da região. Destaca-se, também, a resignificação da acepção de “caipira” que potencialmente associada à dimensão avaliativa, neste estudo, é um significado social assinalador da *persona* mineira.

Palavras-chave: Crenças; Atitudes Linguísticas; Mineirês; sociolinguística.

Abstract:

“Bunitim demais da conta”: linguistic beliefs and attitudes about the Minas Gerais way of speaking in the metropolitan region of Belo Horizonte

Understanding linguistic variation as a social practice involves understanding not only how people produce and use language in the different social

* Doutor e mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara). É professor do curso de Letras do Centro Universitário Newton Paiva (CNP). Realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0968901873091698>. E-mail: maarcus.sene@gmail.com

practices of society, it also implies including how speakers perceive and interpret what is being said, or even how they generally assess language in use. Faced with the need to understand how Mineiro speakers from the metropolitan region of Belo Horizonte evaluate the Mineiro way of speaking, in this research, an instrument of linguistic beliefs and attitudes is elaborated. With this, the objective of this study is to verify if the inquired miners tend to react positively or negatively about their way of speaking, in addition to what are the social meanings mobilized by the survey respondents to characterize their dialectal variety. Respondents exhibited social cohesion in the way they rated their own way of speaking. A sense of pride and solidarity with the group to which the speaker is present is perceptible based on the social meanings listed as characterizing the way of speaking in the region. Also noteworthy is the redefinition of the meaning of “caipira” which, potentially associated with the evaluative dimension, in this study, is a social meaning that marks the persona from Minas Gerais

Keywords: Beliefs; Linguistic Attitudes; Mineirês; sociolinguistics.

Introdução

A língua é um objeto social na medida em que toda sociedade se constitui por meio da construção e manutenção de sistemas linguísticos. Nas palavras de Calvet (2002, p. 12), “[...] as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, isto é, não há como desvincular a língua de seus falantes e de seu contexto sócio-histórico; e este é um dos pressupostos básicos dos estudos sociolinguísticos. Considerando tal aspecto, esclarece-se que a sociolinguística é a disciplina da linguística que lida com problemas linguísticos da “vida real” em um contexto social. Enquanto a linguística formal constrói um modelo lógico capaz de prever o comportamento linguístico, a sociolinguística busca tratar a linguagem como um fenômeno tipicamente social e, como tal, explicável apenas por meio da imersão em práticas sociais e a mensuração de seus condicionadores internos e externos.

Tradicionalmente, os estudos sociolinguísticos brasileiros se concentraram na busca de padrões linguísticos e seus condi-

cionadores linguísticos, sociais e estilísticos. Os estudos desenvolvidos em solo brasileiro se debruçaram nas grandes populações urbanas geograficamente definidas que se estratificam em macro categorias relativamente fixas, como é o caso de sexo/gênero, escolaridade, faixa etária, classe social etc. Nesse cenário, as variáveis linguísticas analisadas são interpretadas à luz de categorias sociais primárias, além de associadas a valores de prestígio e estigma com base na norma de referência que, embora abstrata, é a norma-padrão.

No entanto, o entendimento da variação linguística como prática social envolve compreender não só como as pessoas produzem e fazem uso da língua nas práticas sociais diversas da sociedade, implica incluir, também, como os falantes percebem e interpretam o que está sendo dito ou, ainda, como eles avaliam, de modo geral, a língua em uso (CAMPBELL-KIBLER, 2006; OUSHIRO, 2015; MENDES, 2018; BERLINCK, BRANDÃO, SENE, 2020; SENE, 2022, SENE, BIAZOLLI, BRANDÃO, 2023). Afinal, a língua

como sendo um fato social costuma transmitir, “além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal — seu idioleto —, mas também filiá-lo a um determinado grupo” (BRANDÃO, 1991, p. 6).

Esses outros significados que a língua transmite, para além do denotacional/se-mântico, são significados sociais co-construídos socialmente, o que significa dizer que os significados como “menos escolarizados”, “mais paulistanos”, “mais polidos” dependem de vários fatores contextuais e não são elos intrínsecos de uma forma linguística ou de outra (Sene, 2022; Araújo, Sene, 2023). A emergência de alguns significados sociais está atrelada a avaliação social que os falantes fazem a respeito de alguns usos linguísticos. A esse respeito, Calvet (2002, p. 72) observa que “existe na sociedade o que poderíamos chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, *normas* que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais [...] e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados”.

As pessoas, de modo geral, fazem atribuições positivas ou negativas com relação a falantes que possuem sotaques diferentes ou que falam uma variedade diferente. Esses julgamentos sociais ocorrem não só quando se considera o falar do outro, mas também quando se pensa sobre o próprio modo de falar, já que esse tipo de apreciação social se relaciona a noção de pertencimento social e filiação a uma dada comunidade de fala. Tais apreciações sociais, no entanto, não se referem a características inerentes do sotaque do falante ou de uma dada variedade que ele utiliza, na verdade estão estritamente ligadas às atitudes e às reações subjetivas dos falantes em relação

a uma certa região ou grupo linguístico o qual o falante pertence.

Diante disso, objetiva-se analisar as crenças e as atitudes linguísticas dos mineiros em relação ao seu próprio modo de falar. Intenta-se verificar se os mineiros tendem a reagir de forma positiva ou negativa sobre o seu modo de falar, além de quais são os significados sociais mobilizados pelos respondentes da pesquisa para caracterização de sua variedade dialetal. A escolha pela região de Minas Gerais está associada à diversidade da região, o que influi em diferenças tanto geográficas quanto linguísticas. Romano e Seabra (2017), com base nos estudos de Zagari (2013), demarcam o falar mineiro em três grandes pólos: o baiano, presente no norte de Minas Gerais; o paulista, situado no sul de Minas e Triângulo Mineiro; e, por fim, o concernente à região metropolitana de Belo Horizonte, constituída de 34 municípios “nucleares” e de 16 municípios do chamado “colar metropolitano”, criado a partir de 12 de janeiro de 2006.

No âmbito do projeto “Diversidade linguística, avaliação subjetiva e respeito linguístico” (Div.AR), um *corpus* de reações subjetivas está em construção com base nessas três demarcações de Minas Gerais. No entanto, para este artigo, apresenta-se apenas os resultados concernentes aos da região metropolitana de Belo Horizonte. Com relação ao plano organizacional, esta pesquisa compreende seis partes: a presente introdução; a fundamentação teórica, na qual são apresentados os conceitos de crença e atitude linguísticas; a metodologia, em que se expõe o questionário proposto aos inquiridos e dados referentes à quantificação e à descrição dos resultados; a análise dos dados propriamente dita; a conclusão e, por último, as referências bibliográficas.

Crenças e atitudes linguísticas

A língua envolve um conjunto de saberes linguísticos variáveis que são construídos e projetados nas relações sociais. Com isso, a língua acaba sujeita, então, à apreciação de quem fala, de um lado, e de quem escuta, do outro (FREIRE, 2016; SENE, 2019, 2022; SENE; BIAZOLLI; BRANDÃO, 2023). Essa apreciação social reflete, por vezes, “o conjunto de atitudes [e crenças], de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de língua e para com aqueles que as utilizam” (CALVET, 2002, p. 65).

Tal procedimento avaliativo foi investigado por William Labov, fundador da Sociolinguística Variacionista, em pesquisa realizada em 1963, na Ilha de Marta’s Vineyard (município de Dukes, estado de Massachusetts). Nela, o autor buscou examinar as reações subjetivas dos falantes nativos locais, com vistas a demonstrar de que modo essas reações, manifestadas através de crenças e de atitudes linguísticas, poderiam ser responsáveis pela manutenção ou pelo desencadeamento da mudança linguística.

Para tanto, Labov buscou examinar a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, em palavras como *right*, *white*, *life* etc. e em *house*, *out*, *doubt*, respectivamente, fomentada pelos nativos com vistas a se diferenciarem dos veranistas que visitavam a ilha. Ao perceber, do mesmo modo que os falantes, o caráter identificador dessa inovação fonética, Labov (2008 [1972]) poderia comprovar a hipótese que defendia acerca da associação entre o comportamento linguístico das pessoas e suas atitudes sociais. Assim sendo, a partir de resultados mais gerais de sua investigação, ele concluiu que, no caso, o significado social da centralização observada nesses dois ditongos estava rela-

cionado com questões identitárias, ou seja, com a identificação dos habitantes da Ilha em relação aos veranistas. Nas palavras do linguista, “quando um homem [nativo] faz uso do traço fonético de centralização, está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence”. (LABOV, 2008 [1972], p. 57).

A esse respeito, Labov (2008) afirma que:

As atitudes dos falantes para com variáveis linguísticas bem estabelecidas também se mostram nos testes de auto-avaliação. Quando indagadas sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar de prestígio ou ser “a correta”, mais do que a forma que elas realmente empregam. (LABOV, 2008, p. 248)

Nesse trabalho, de avaliação do uso de uma variável em relação ao prestígio que ela representava para os vineyardenses, Labov (2008) contribui para demonstrar a necessidade de reflexões acerca da importância da coleta de dados em situações reais de fala, endossando, assim, a pertinência do papel da Sociolinguística na investigação de aspectos concernentes à língua e à sociedade. No trecho citado, o pesquisador norte-americano deixa claro que as avaliações que os falantes fazem a respeito de sua língua vão além do modo que ela é produzida, abarcando juízos de valores (crenças e atitudes), que podem ser positivos ou negativos.

No que toca a essa questão — de crenças e atitudes linguísticas —, ressalte-se que o interesse por essa linha de estudos foi desenvolvido, inicialmente, na área da Psicologia Social, por William e Wallace Lambert, que a definem como “o estudo de indivíduos em seus ambientes sociais e culturais”

(LAMBERT & LAMBERT, 1972, p. 9). Assim, segundo os autores

Atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais, ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Pelo que se pode deduzir da definição acima, os autores em questão, assim como outros, não distinguem, com a precisão necessária, os conceitos de atitude e crença, tomando a última como elemento constitutivo da primeira, o que nos mostra que não é fácil definir um conceito sem remissão ao outro. Tal aspecto atesta o fato de que, para esses dois estudiosos, as crenças, do mesmo modo que os pensamentos, participam da composição da atitude, figurando, tal como esses, no campo cognitivo, ao lado da memória e do raciocínio.

Essa associação entre os dois conceitos transparece, por sinal, em definições propostas no âmbito da Linguística, conforme aludido por Miranda, Santos e Silva (2018), para os quais as crenças se acham relacionadas com as ideias que os falantes têm sobre os mais diferentes aspectos de uma língua, ideias essas que costumam influenciar suas atitudes em relação a ela, estendendo-se a suas variantes. Igualmente, para eles, as atitudes, de certo modo, também se caracterizam como reações dos falantes em relação a diferentes línguas, bem como às variantes que as constituem, sejam elas próprias de sua comunidade de fala ou de outras que lhes sejam estranhas.

Por outro lado, optando pela separação entre os dois conceitos, crenças e atitudes, Félix (1998) considera que somente

as crenças são compostas por “emoções, sentimentos, percepções, avaliações subjetivas, estados de espírito, lembranças de experiências pessoais, pressuposições sobre a existência de entidades e mundos alternativos” (FÉLIX, 1998, p. 26). Esse ponto de vista é corroborado, de certo modo, por Barcelos (2007, p. 73) para quem as crenças devem ser vistas como: “ideias, opiniões e pressupostos”, que resultam de formulações fundamentadas nas experiências de cada indivíduo. Além disso, a autora reconhece que, embora sejam de caráter social, as crenças são, também, de cunho individual, uma vez que cada indivíduo assimila suas experiências de forma particular.

Dessa forma, contrária à ideia de Félix (1998), que considera as crenças como estáticas, Barcelos (2007) caracteriza-as como dinâmicas. Assim sendo, a partir de uma visão sociocultural, ela presume que as crenças mudam através do tempo, com base em fatos ocorridos no passado, em opiniões de pessoas eminentes, em matéria veiculada pela mídia.

Igualmente, a definição de atitudes é tão complexa quanto a de crenças, uma vez que também se acha associada a campos diversos de situações, conforme nos comprova o seu emprego em expressões como: atitude indecorosa, atitude corajosa, atitude preconceituosa, atitude positiva, atitude maliciosa etc. Isso sem mencionar a proximidade semântica entre os termos “atitude” e “comportamento”; “atitude” e “postura”; “atitude” e “procedimento”, etc., que, na verdade, não são sinônimos.

Nessa mesma linha de pensamento, Moreno Fernández (1998, p. 181) concebe “a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para algumas condições ou para alguns fatos sociolinguísticos concretos”. Nesses termos, a atitude,

para esse autor, deve ser entendida como “uma categoria intermediária entre o estímulo e o comportamento ou a ação individual (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.181).”

No que concerne ao modo de composição, tanto Lambert e Lambert (1972), quanto Moreno Fernández (1998) e López Morales (2004), dentre outros estudiosos, consideram que as atitudes se constituem de três componentes básicos: o cognitivo, o afetivo e o comportamental. O primeiro, tido como o de maior importância por alguns pesquisadores, está relacionado com as crenças, pensamentos e conhecimentos que temos de um objeto social definido, o que implica dizer que não é possível manifestar uma atitude em relação a um objeto, se não tivermos a devida representação cognitiva dele.

Para López Morales (1993), a cognição é vinculada à consciência (socio)linguística do falante, aos conhecimentos que domina e aos valores que assume. Corroborando tal ideia, Moreno Fernández (1998) assim se refere a questões envolvendo a consciência (socio)linguística que os falantes detêm:

os indivíduos forjam atitudes, quaisquer que sejam, porque têm consciência de uma série de fatos linguísticos e sociolinguísticos que lhes são concernentes ou os afetam. [...] Os falantes sabem que sua comunidade prefere alguns usos linguísticos a outros, que certos usos são próprios de uns grupos e não de outros e, portanto, têm a possibilidade de eleger o que consideram mais adequado às circunstâncias ou a seus interesses (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

Em outros termos, a partir do reconhecimento de variedades de usos linguísticos que ora são prestigiados, ora estigmatizados, os falantes materializam suas atitudes através de discursos metalinguísticos produzidos nas redes sociais, de memes e de formas de conteúdos variáveis, que fazem

alusão a usos linguísticos (SENE, BIAZOLLI, BRANDÃO, 2023).

Quanto ao segundo componente acima referido, caracteriza-se como de cunho afetivo, uma vez que compreende as emoções e os sentimentos favoráveis ou contra um objeto social. Segundo alguns pesquisadores, esse é o único componente que caracteriza, verdadeiramente, as atitudes sociais. Por sua vez, o terceiro componente, comportamental, tem a ver com a conduta, reação ou tendência à reação diante de um objeto social. Na visão de López Morales (1993), a atitude, na verdade, seria dominada somente pelo traço comportamental, sendo caracterizada por ações que podem ser positivas ou negativas.

Considerando que o presente trabalho visa conhecer, revelar e descrever as crenças e atitudes linguísticas de mineiros sobre o seu próprio falar, os conceitos acima comentados podem ser assim resumidos: as atitudes linguísticas materializam “crenças culturalmente motivadas e condicionadas ao sistema de valores acordados pelos membros da sociedade e/ou grupos sociais” (SCHNEIDER, 2007, p. 78).

Metodologia

O trabalho aqui desenvolvido encontra-se integrado ao Projeto de Pesquisa intitulado “Diversidade linguística, avaliação subjetiva e respeito linguístico” (Div.AR). Para a identificação das crenças e atitudes linguísticas dos mineiros da região metropolitana de Belo Horizonte, sobre o seu próprio modo de falar, elaborou-se um questionário on-line construído por meio do *Google Forms*¹. Esse instrumento foi constituído com base em três partes: a primeira, destinada a depreender e a revelar

1 Projeto aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CAAE: 63776222.7.0000.5097

as crenças linguísticas manifestadas pelos informantes quando fazem referência à modalidade linguística de que se valem; a segunda, passível de nos mostrar a dimensão das atitudes linguísticas demonstradas pelos participantes frente às questões a eles apresentadas; por fim, a terceira, constituída de uma caixa de seleção capaz de caracterizar, a partir da escolha de adjetivos nela alistados, a opinião dos inquiridos a respeito do seu falar, bem como a respeito do falante mineiro.

Com base na amostragem probabilística, ou seja, uma seleção aleatória em que todos os indivíduos teriam chance de participar da pesquisa, o questionário on-line foi compartilhado pelos membros do projeto Div. AR de modo que exista uma imparcialidade do pesquisador na busca de seus inquiridos. Afinal, ao compartilhar o questionário apenas em suas redes sociais, o pesquisador aumentaria a probabilidade de enviesamento

dos dados com base em participantes apenas de sua bolha.

Após dois meses de pesquisa, 161 participantes responderam ao questionário. Desses, 4 foram excluídos por fugirem às perguntas feitas, 25 respondentes não eram mineiros e outros 4 informaram que apenas se consideravam como tal, mas não eram naturais da região metropolitana de Belo Horizonte. Logo, feito a exclusão dessas respostas, restaram, portanto, 128 inquiridos efetivamente mineiros.

Em relação ao questionário, na primeira parte, foram apresentadas aos investigados questões abertas que lhes permitissem expor suas impressões linguísticas acerca do modo de falar de um mineiro. A expectativa era que os participantes não só apresentassem suas reações mais gerais por meio dessa abordagem direta, como também atestassem a multiplicidade de falares existentes na região.

Figura 1 – Trecho do questionário on-line - Parte I

Parte I

Para você, como fala um mineiro ? *

Sua resposta

Cite algumas pistas linguísticas (palavras, frases, sons etc.) que você considera * como típicas do modo de falar mineiro?

Sua resposta

Fonte: elaborado pelo autor

Na sequência, conjecturou-se analisar as atitudes linguísticas dos respondentes por meio de uma abordagem indireta. Os inquiridos precisavam responder a uma escala de diferenciais semânticos, tal como pre-

conizado por Osgood, Suci e Tannenbaum (1957). Essa técnica tem sido utilizada com vistas a depreender as atitudes das pessoas às quais se expõem palavras, conceitos, estímulos auditivos etc. Conforme referido por

Sene (2022, p. 99), escalas como essas são construídas “a partir de eixos bipolares, definidos como adjetivos antônimos em seus extremos (bonito x feio)”. No entanto, nem sempre adjetivos bipolares são possíveis para representar adequadamente as escalas de estudos sociolinguísticos. Por exemplo, se de um lado você tem a escala de escolarizado não implica, necessariamente, que na outra ponta você teria um analfabeto. Por essa razão, a escala de diferenciais semânticos, nesse estudo, é adaptada de modo a estabelecer, em seus extremos, adjetivos polares: de um lado o polo positivo (muito bonito) e do outro o polo negativo (nada bonito) – conforme orienta Sene (2022).

No que toca à dimensão avaliada nos eixos positivo e negativo desse tipo de escalas, os adjetivos constantes do questionário foram selecionados de modo a observar quatro modalidades de avaliação social: (i) a da prosódia, a partir dos adjetivos “cantado” e “rápido”; (ii) a da urbanidade, ilustrada pelos termos “interior” x “urbano”; (iii) a da complexidade, aferida pelo eixo “simples” x “elaborado” e, por fim, (iv) a da estética, representada pelos adjetivos “bonito” e “agradável”. Essas dimensões², afinal, se mostraram como as mais apropriadas para investigar o modo de falar mineiro. Na figura 2, tem-se a representação visual das escalas acima mencionadas.

Figura 2 – Trecho do questionário *on-line* – Parte II

Acho o modo de falar do mineiro *							
	1	2	3	4	5	6	
muito bonito	<input type="radio"/>	nada bonito					
muito rápido	<input type="radio"/>	nada rápido					
muito interiorano	<input type="radio"/>	nada interiorano					
muito elaborado	<input type="radio"/>	nada elaborado					
muito cantado	<input type="radio"/>	nada cantado					
muito simples	<input type="radio"/>	nada simples					
muito urbano	<input type="radio"/>	nada urbano					
muito agradável	<input type="radio"/>	nada desagradável					

Fonte: elaborado pelo autor

2 Essas escalas foram selecionadas com base no Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido pela aluna Miriam de Oliveira Bittencour que aplicou um questionário com 60 participantes da região metropolitana sobre os diferentes falares da região de Minas Gerais. Nesse questionário, a aluna indagava a respeito de como eles caracterizavam o falar da região metropolitana, a região do Triângulo Mineiro e, por fim, a região mais ao norte de Minas. A expectativa era conhecer quais significados sociais seriam utilizados para cada uma das regiões e se eles tenderiam a trazer dimensões positivas para o falar da sua região, que no caso do estudo era de Belo Horizonte.

Na aplicação da Parte III do questionário, de encerramento da investigação realizada, optou-se pelo emprego da caixa de seleção que continha os adjetivos que revelassem uma tipificação mais completa de como um falante mineiro costuma ser identificado. Diferentemente, pois, da Parte II, em que a variedade linguística foi avaliada por meio de escalas, nessa parte, os adjetivos esco-

lhidos tinham como finalidade delinear a fotografia de uma *persona*³ mineira. Nessa parte, também foi considerado o registro de possíveis convergências entre os adjetivos figurantes nas respostas dadas pelos falantes nessa etapa com os adjetivos mencionados na Parte I do questionário. A figura 3 mostra como se deu a formulação dessa terceira parte do questionário.

Figura 3 – Trecho do questionário *on-line* – Parte III

Parte III

Para você, uma pessoa que usa o modo mineiro de falar parece: *

(marque quantas caixas desejar)

<input type="checkbox"/> Inteligente	<input type="checkbox"/> Tímido	<input type="checkbox"/> Pouco escolarizado
<input type="checkbox"/> Expressivo	<input type="checkbox"/> Extrovertido	<input type="checkbox"/> Articulado
<input type="checkbox"/> Caipira	<input type="checkbox"/> Trabalhador	
<input type="checkbox"/> Bonito	<input type="checkbox"/> Desonesto(a)	
<input type="checkbox"/> Divertido	<input type="checkbox"/> Mal-educado(a)	
<input type="checkbox"/> Simples	<input type="checkbox"/> Conservador(a)	
<input type="checkbox"/> Agradável	<input type="checkbox"/> Nerd	

Fonte: elaborado pelos autores

Por último, destaca-se que os dados foram analisados com o auxílio do programa R (CORE TEAM, 2022), que é um ambiente de programação utilizado para análises estatísticas e para a elaboração de gráficos. Na primeira parte da pesquisa, foram utilizadas “nuvens de palavras” destinadas a sumarizar os principais resultados obtidos. As “nuvens de palavra”, vale lembrar, são um recurso de grande valia para análises explanatórias, uma vez que reúnem muitos dados através de uma representação visual na qual se apresenta em tamanho maior a palavra utilizada com maior frequência pelos informantes. Na segunda parte, os dados foram analisados

a partir da construção de gráficos de dispersão (*boxplots*), que nos permitem compreender como se dispersam as respostas dos participantes nas escalas de diferenciais semânticos constantes do questionário aplicado.

Em suma, o tipo de análise adotada é devidamente propício para a quantificação,

3 Entende-se como *persona* os tipos sociais particulares que se acham explicitamente localizados na ordem social. Esse conceito se estende à denominação das possíveis identidades que o mesmo falante pode assumir (ou dispor) em diferentes ou em semelhantes contextos de interação comunicativa, sendo que todas essas manifestações são realizadas por meio da variação estilística (SENE, 2022, p. 89).

descrição e análise do comportamento avaliativo dos informantes envolvidos, permitindo, ainda, a constatação do quanto suas atitudes linguísticas divergem ou convergem entre si nas respostas dadas às perguntas relativas às diferentes dimensões aqui consideradas.

Análise dos dados

Nesta seção, são apresentados e analisados os resultados obtidos na aplicação do questionário entre 128 informantes mineiros. A língua é uma ferramenta poderosa de comunicação, que se modifica com o tempo e que traz consigo marcas expressivas de sua identidade, manifestadas por meio de crenças e atitudes linguísticas variadas por parte dos que a utilizam. Essas crenças e atitudes decorrem, então, do fato de que a língua, por ser um instrumento social, está sujeita à avaliação de seus usuários. Logo, esse tipo de apreciação social pode estar relacionado com uma determinada forma linguística, com o modo de falar de pessoas ou regiões diferentes e, também, com o próprio modo de falar do usuário em si (SENE, 2022; SENE, BIAZOLLI, BRANDÃO, 2023).

Na aplicação da primeira parte, cuja finalidade era, justamente, apreender as crenças linguísticas reveladas pelos inquiridos acerca do seu modo de falar, foi solicitado a eles a execução de duas tarefas: (i) que respondessem à pergunta: “Para você, como fala um mineiro?” e (ii) que se manifestassem a respeito do seguinte pedido: “Cite algumas pistas linguísticas (palavras, frases, sons, etc.) que você considera típicas do modo de falar do mineiro”. Na figura 4, apresenta-se a figura de uma “nuvem de palavras” que sumariza as respostas dadas pelos informantes à primeira parte do questionário.

Figura 4 – Respostas à pergunta: “Para você, como fala um mineiro?”



Fonte: elaborado pelo autor

Um resumo das respostas dadas à pergunta é fornecido pela Figura 4, na qual constata-se o grau de preferência e a variedade dos adjetivos utilizados como identificadores do falar mineiro. A própria configuração interna da “nuvem” acima nos revela, através dos diferentes tamanhos dos termos coletados, o grau maior ou menor da frequência em que aparecem. Assim, o tamanho maior de “cantado”, “normal” e “falar único” corresponde aos termos preferentemente utilizados pelos inquiridos. Numa frequência menor, aparecem em ordem decrescente, caracterizações como: “reduz palavras”; “meio rápido”; “caipira”; “simples”; “arrastado”; “comendo algumas palavras”; “sotaque forte”; “lento”; “abreviado”; “bonito”; “puxando o r”; “junta palavras”; “fala gostoso” e outros mais de ocorrência mínima.

Em um reflexo do modo de pensar (crença) dos informantes acerca do seu dialeto, é possível separar as percepções dos respondentes em pelo menos duas dimensões: uma adjetival e outra mais descritiva. A primeira conta com a presença de adjetivos como:

estereotipadas que atuam como reguladoras da percepção das pessoas, o que justifica o fato de que as pistas mais frequentes coletadas sejam aquelas que servem para caracterizar, prototipicamente, na internet, o modo mineiro de falar.

A partir das experiências dos usuários, eles tendem a construir generalizações que habitam o imaginário social de uma comunidade de fala. O processo de generalização é um processo mental comum do ser humano. Esta é uma habilidade desenvolvida pelos humanos a partir de suas experiências coletivas; “são ‘recursos do pensamento’ que possibilitam evitar o caos conceitual, ‘empacotando’ nosso mundo em um número razoável de categorias” (BEM, 1973, p. 18). As generalizações não representam verdades absolutas, mas são responsáveis pela construção estereotípica de dialetos e outros aspectos da vida social. Por essa razão, a dimensão avaliativa da linguagem precisa ser coletada e cotejada, quando necessária, às pesquisas de produção sociolinguística.

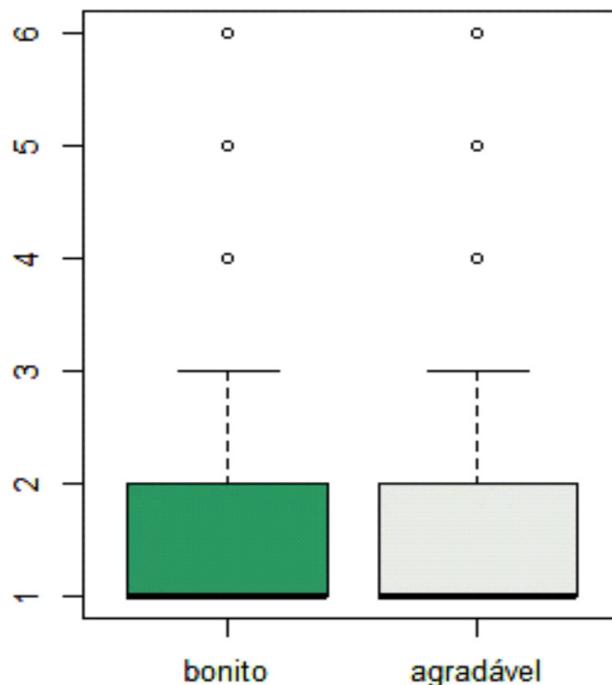
Apresentada a análise acerca de crenças linguísticas, parte-se para a dimensão concernente às atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes frente às questões que lhes foram apresentadas na parte II do questionário.

A figura 6 sintetiza o resultado da Parte II do questionário, focalizando, no caso, a dimensão atitudinal dos respondentes da pesquisa. Em relação aos gráficos apresentados, é fundamental esclarecer que eles representam a dispersão das escalas (de 1 a 6) de diferenciais semânticos que, construídas a partir de adjetivos polares, materializam a forma como se dispersam as respostas dadas pelos informantes.

Antes da análise do gráfico acima, é importante esclarecer que adjetivos polares são aqueles que vão muito além do seu sen-

tido denotacional. Na verdade, eles são responsáveis por construir uma visão geral das variedades linguísticas, constituindo-se, sobretudo, como recursos comuns de que se valem os falantes na apreciação das línguas, dialetos ou falares específicos.

Figura 6 – Dispersão das respostas atribuídas ao polo de adjetivos: bonito x agradável⁴



Fonte: elaborado pelo autor

No tocante ao gráfico acima, divisem-se dois componentes que representam a dimensão estética expressa pelos adjetivos “bonito” e “agradável”. No caso em questão, é quantificado o grau do com-

4 Orientação para leitura do gráfico: de 1 a 6 representa os diferentes graus da escala: quanto mais próximo do número 1 mais bonito e agradável, quanto mais próximo de 6 nada bonito e nada agradável. O traço preto mais escuro representa a mediana dos dados, logo o equivalente a 50% das respostas se concentra nesse ponto escuro, o que no caso em questão indica que 50% dos respondentes consideram o falar mineiro muito bonito e muito agradável. Quando *boxplot* é pequeno, compacto, indica menor dispersão das respostas, quando ele se estender entre os polos indica maior dispersão.

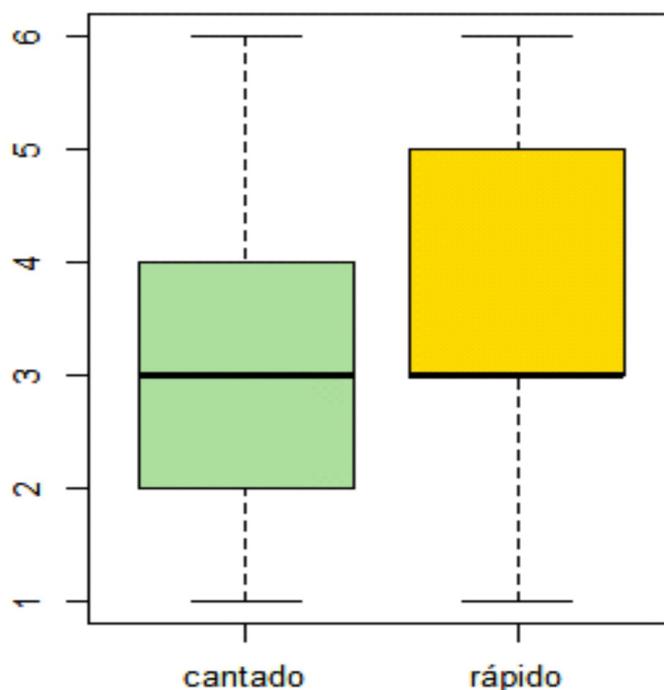
portamento avaliativo dos informantes a respeito de quão “bonito” e “agradável” é o dialeto mineiro na opinião de usuários dessa variedade. O gráfico mostra que há o mesmo grau de dispersão em termos dos dois qualificadores do falar mineiro: “bonito” e “agradável”. As respostas de ambas as escalas convergem para a mesma direção, além de “muito bonito” o modo de falar mineiro é igualmente “muito agradável”. A linha mais escura do gráfico representa a mediana dos dados, o que significa que há uma concentração das respostas naquele ponto da escala, o que nos mostra que os informantes concordam em suas avaliações sobre a apreciação social que fazem do seu modo de falar.

Essa concordância indica uma coesão social na forma como eles avaliaram esses dois polos da escala. A propósito, destaca-se que

essas respostas são baseadas “nos juízos de valor, lealdade, valor simbólico, orgulho e sentimento de solidariedade com o grupo a que [o falante] pertence” (AGUILERA, 2008, p. 106). Isso implica dizer que, indiretamente, os respondentes parecem compartilhar juízos de valores equânimes na avaliação que fazem de quão “bonito” e “agradável” lhes parece o falar mineiro. Esse tipo de apreciação social, por sua vez, se acha vinculado ao componente afetivo mencionado por Lambert e Lambert (1972). Sendo assim, ao reagirem à dimensão estética contemplada pelo questionário, os participantes atribuíram prestígio e valorização ao seu próprio modo de falar.

Proceda-se, a seguir, à análise da dispersão entre dois outros adjetivos registrados: “cantado” e “rápido”, que figuram no gráfico abaixo.

Figura 7 – Dispersão das respostas atribuídas ao polo de adjetivos: cantado x rápido



Fonte: Elaborado pelas autoras

Com o foco na dimensão conhecida como prosódica, observa-se que os respondentes consideram o quão “cantado” e “rápido” se mostra o falar mineiro. Conforme exibido no gráfico (figura 7), as respostas concentram-se, para ambos os qualificantes, no eixo 3 da escala, o que indica que, de acordo com a mediana dos dados, 50% dos respondentes concordam que o falar mineiro soa “mais ou menos cantado” e “mais ou menos rápido”.

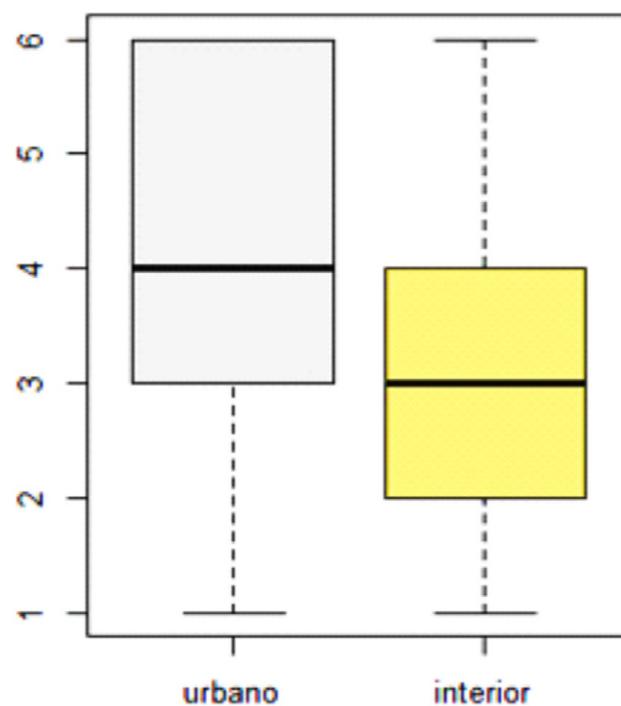
No entanto, embora haja uma coincidência da mediana dos dados, essa dispersão das respostas ilustra que os participantes parecem não concordar entre si na avaliação dessa dimensão. Isso fica claro quando se observa, por exemplo, que, no que diz respeito ao soar “cantado”, as respostas se dispersam no polo de 2 a 4, indicando que, de certa maneira, o falar mineiro está associado a um modo de falar “cantado”. Já no que se refere a “rápido”, as respostas divergem, revelando-nos que os inquiridos tendem a associar o falar mineiro a um falar um tanto quanto lento, já que as avaliações perfizeram os pontos 3 a 5.

Embora as respostas a esses dois itens apresentem uma dispersão maior, quando comparadas às que se refere ao par de adjetivos “bonito” x “agradável”, elas estão em concordância com o que foi respondido na primeira parte do questionário, na qual a pergunta feita foi: “Para você, como fala um mineiro?”. De acordo com a “nuvem de palavras” constante da figura 4, “cantado” e “lento” foram os itens lexicais apontados com larga frequência como característicos do falar mineiro. Seguidos do polo adjetival que foi avaliado nas escalas de diferenciais semânticos, esses significados se relacionam, de certo modo, à questão da prosódia da língua, ou mais especificamente à questão do sotaque.

Segundo Calvet (2002), a língua é um fato social, através do qual os falantes se moldam, e se constituem social e individualmente. Assim sendo, as atitudes linguísticas e crenças registradas revelam que o falante, quando em interação social, aponta limites, separa, caracteriza e adjetiva a origem de quem fala. Nos termos do pensamento de Feltes (2018) e Sene (2022), a partir da fala do outro, os falantes são capazes de associar alguns modos de falar a um pré-conceito, que, na verdade, reflete um modelo cultural.

Na sequência, considera-se os julgamentos sociais dos falantes em relação aos adjetivos: “urbano” x “interior”, registrados no gráfico abaixo.

Figura 8 – Dispersão das respostas atribuídas ao polo de adjetivos: urbano x interior



Fonte: elabora pelo autor

Na figura 8, constata-se uma dispersão das atitudes linguísticas dos falantes em relação aos quesitos “urbano” e “interior”, relativos ao modo de falar mineiro. No caso de quão “urbano” soa o mineiro,

pode-se notar que a mediana dos dados se encontra no ponto 4 da escala, o que indica que o estilo de falar mineiro é pouco urbano – variando, pois, entre “mais ou menos urbano” e “nada urbano”. Essa reação geral é relevante e deixa espaço para que futuras perguntas busquem compreender, do ponto de vista dos respondentes, o que é ser urbano e interiorano e se esse resultado é reflexo da comparação entre dialetos. Afinal, os julgamentos sociais são construídos com referência ao outro e este outro nem sempre implica superioridade ou inferioridade.

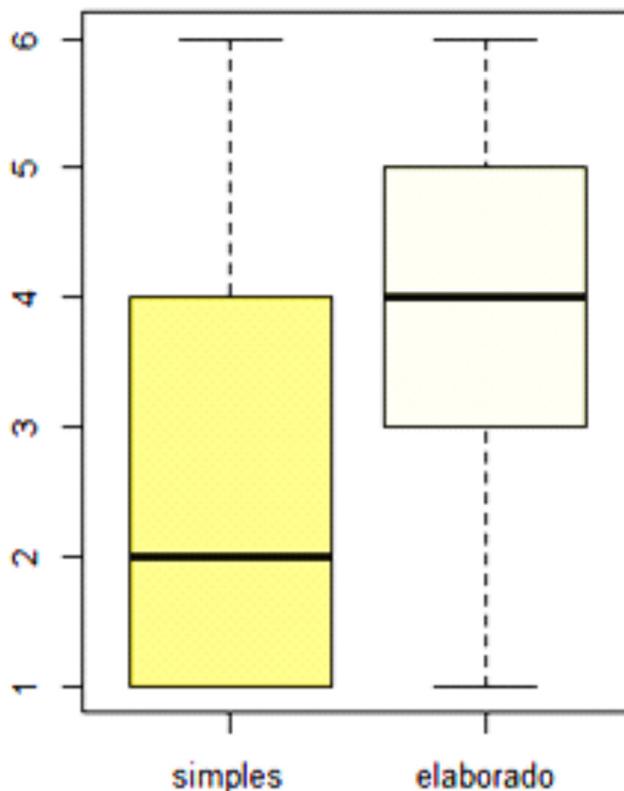
No que concerne à escala sobre o quesito “interiorano”, quando comparada ao gráfico relativo a “urbano”, parece expressar uma avaliação subjetiva por parte dos inquiridos. Assim, além de considerarem o mineirês pouco “urbano”, eles também definiram a sua variedade como “mais ou menos interiorana”. Esse resultado está expresso, notadamente, na mediana dos gráficos que indica, em linha mais escura, que a maior parte das respostas dos falantes concentra-se no polo “mais ou menos interiorano”.

Quando cotejado com as respostas da Figura 4, esse resultado mostra que os falantes convergem em suas respostas, dado que, uma característica atribuída costumeiramente ao mineirês é o fato de soarem como “caipiras”, com “sotaque forte” e de uma forma “simples”. Esses significados são comuns a variedades linguísticas que estereotipicamente estão associados a um modo de falar mais ou menos urbano e interiorano. Nesse sentido, reitera-se aqui que, nos termos dessa análise social, o qualificador “caipira” não traduz uma imagem negativa do falar mineiro, mas, sim, uma identidade social atrelada a esse modo de falar.

A seguir, é levada em conta a dispersão referente a outro par de adjetivos: “simples”

e “elaborado”, conforme expresso no gráfico abaixo.

Figura 9 – Dispersão das respostas atribuídas ao polo de adjetivos: simples x elaborado



Fonte: Elaborado pelas autoras

No que diz respeito à dimensão avaliativa dos adjetivos “simples” e “elaborado”, pôde-se verificar que a percepção dos mineiros se concentra no polo 2 da escala, indicando, pois, que o modo de falar mineiro é “simples”. Essa concentração, como já dito anteriormente, representa a mediana dos resultados. No entanto, é possível observar que há uma dispersão maior do gráfico aludido, o que significa dizer que os inquiridos não concordam entre si na avaliação social de quão simples o dialeto mineiro lhes parece. A propósito disso, é importante lembrar que essa avaliação social dos informantes pode ser cotejada à resposta dada anteriormente (figuras 4 e 5). Nela, o mineiro aparece associado fortemente ao “caipira”, o que, indiretamente, nos remete à simplicidade, comprovada, por exemplo, no

campo da fonética, com a redução e a junção das palavras, conforme exemplificado em: “nossinhora”, “oncotô” e “falandocê”.

Em relação ao quesito “muito x nada elaborado”, os mineiros participantes da pesquisa concentram suas avaliações no eixo 4 da escala, que indica que o dialeto avaliado é pouco elaborado. Essa avaliação pode estar associada às características do mineirês apontadas na Figura 4, tais como: a forma reduzida do diminutivo e o encurtamento de palavras e frases. Em vista disso, é importante destacar que as respostas dos participantes da pesquisa, embora variadas, na verdade, se complementam. Na figura 9, de um lado, eles avaliam o mineiro como “simples” enquanto do outro pouco elaborado. Situações como essas sinalizam que as avaliações sociais dos falantes são coerentes com a imagem social que eles constroem do seu próprio modo de falar.

A par das perguntas relativas ao dialeto mineiro, os informantes tiveram que se manifestar, também, a respeito da *persona* mineira que o utilizava. Na figura 10, apresenta-se o resultado da parte III do questionário, na qual, a partir de uma lista de adjetivos, os participantes deveriam selecionar aqueles que traduzissem a sua opinião a respeito do usuário do mineirês.

O conjunto de adjetivos que caracterizam essa *persona* são essencialmente positivos, ou seja, expressam reações dos inquiridos que também apontam para uma valoração positiva do próprio modo de falar mineiro. No tocante à frequência, os adjetivos mais apontados pelos inquiridos foram: “divertido”, “simples”, “agradável” e “expressivo”, que, indiretamente, constroem a percepção de um falante descontraído. Também vale destacar a ocorrência, novamente, do adjetivo “caipira” para caracterização do falante do dialeto mineiro. Novamente, coaduna-se

com a perspectiva de Aguilera e Silva (2015, p. 187) de que esse significado, na região de Minas Gerais, pode estar associado a: “um processo de mudança social de revalorização, somado à sua imagem, culturalmente construída, de pessoa honesta e respeitosa lhe possibilitam ultrapassar a negatividade do estereótipo socialmente difundido” que existe em torno desse adjetivo.

Figura 10 – Respostas à pergunta “Para você, uma pessoa que usa o modo mineiro de falar parece”



Fonte: elaborado pelo autor

Por fim, ressalta-se que esse resultado converge com os demais apresentados. Em outras palavras, os adjetivos apresentados na figura 4, também caracterizam positivamente a variedade dialetal em questão. Além disso, as atitudes linguísticas, também, demonstraram uma possível valoração positiva do modo de falar mineiro, especialmente no caso em que se observa a dispersão das respostas na escala dos adjetivos “bonito” x “agradável” e “urbano” x “interior”.

Considerações finais

O reconhecimento da variação linguística envolve não só a descrição das línguas em termos da sua produção, como, também, o

seu reconhecimento por meio das crenças, avaliações e percepções demonstradas pelos usuários a seu respeito. Tendo isso em vista, conclui-se que os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas desempenham um papel importante para o conhecimento da “história de uma língua” (CALVET, 2002, p. 12), além de serem cruciais para a construção da fotografia sociolinguística de um povo.

No presente trabalho, o objetivo foi, justamente, depreender e analisar as crenças e as atitudes linguísticas manifestadas por um grupo de informantes mineiros acerca do seu falar. Numa conjugação dos métodos qualitativo e quantitativo, procedeu-se, primeiramente, ao levantamento e ao registro de dados recolhidos, por amostragem, a partir de um questionário on-line, no qual se pediam, nos níveis da recepção e da produção, respostas dos participantes acerca do modo como julgavam o mineirês.

Na apresentação dos resultados obtidos, foram utilizadas figuras de “nuvens” de palavras e expressões, além de gráficos de dispersão destinados a sintetizar os julgamentos sociais dos informantes em relação à sua variedade de fala, o mineirês. No desenvolvimento da análise do material recolhido, o exame do grau de frequência e dos tipos de qualificadores utilizados pelos inquiridos sinaliza a conclusão de que, de um modo geral, eles avaliaram positivamente o seu falar. Conforme orientado na análise, com base no estudo de Aguilera e Silva (2005), a aceção do que potencialmente poderia ser conferido um status negativo, que é o significado social de caipira, é reavaliado pelos participantes da pesquisa como algo positivo e associado à noção de pertencimento a região.

Visto em seu todo, tal modo de pensar traduz, por certo, uma atitude de orgulho dos informantes em relação ao de falar mineiro. Em face do exposto, pode-se conside-

rar que esta pesquisa tem condições de contribuir não só para uma melhor compreensão da importância dos estudos das crenças e atitudes dos usuários de uma língua para a Sociolinguística, como, também, de motivar a sua ampliação por meio de novas investigações nesta área.

Referências

AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Revista Estudo Lingüísticos**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio-ago. 2008.

ARAUJO, K. J. ; SENE, M. G. . **A avaliação social dos cuiabanos e várzea-grandenses**: design de um experimento sociolinguístico sobre o uso variável do rotacismo de /l/ em ataque complexo. In: Eliane Pereira Machado Soares; Douglas Afonso dos Santos; Flávia Helena da Silva Paz; Thiago Silva e Silva. (Org.). Descrição, Análise e Ensino de Línguas. 1ed.Rio Branco: Nepan Editora, 2023, v. 1, p. 51-58.

ALKIMIM, T. M. Sociolinguística: parte 1. In: MUS-SALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 23-50.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BERLINCK, R. A.; BRANDAO, S. M. ; SENE, M. G. **Desafios e caminhos na compreensão da variação sintática**: design de um teste de percepção. In: Cristina dos Santos Carvalho; Norma da Silva Lopes; Angélica Rodrigues. (Org.). Sociolinguística e Funcionalismo: vertentes e interfaces. 1ed.Salvador: EDUNEB, 2020, v. , p. 23-52.

BOTASSINI, J, O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística. **Signum: Estudos da Linguagem**. Londrina, v. 1, n. 18, p. 102-131, jun. 2015.

BRANDÃO, S. de F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionito. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener perceptions**

- of sociolinguistic variables: the case of (ING).** Tese de Doutorado. Stanford University, 2006.
- DUFFY, M. E. Methodological triangulation: a vehicle for merging quantitative and qualitative research methods. **Journal of Nursing Scholarship**, v. 19, n. 3, p. 130-133, 1987.
- FÉLIX, A. **Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola.** 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- FELTES, H. P. M. Modelos culturais: teoria, estudos e métodos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 1, p. 193-213, jan./abr. 2018.
- FREIRE, J. B. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano.** 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- LABOV, W. [1972] **Padrões sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Cherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E.. **Psicologia social.** 4 ed. revista e ampliada. Tradução de Dante Moreira Lutel. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística.** 3 ed. Madrid: Gredos, 2004.
- MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades: efeitos da 210 concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal.** Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 2018
- MIRANDA, L. A.; SANTOS V. V. dos; SILVA, F. C. da. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os maranhenses sobre sua fala. **Revista de Letras Juçara.** Caxias - Maranhão, v. 2, n. 1, p. 112-128, jul. 2018.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje.** Barcelona: Ariel, 1998.
- OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015
- OSGOOD, C.E., SUCI, G.J.; TANNENBAUM, P.H. **The measurement of meaning.** University of Illinois Press, Urbana, 1957.
- RODRIGUES, A. **Psicologia social.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ROMANO, Valter Pereira.; SEABRA, Rodrigo Duarte. Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 111-150, 2017.
- SCHNEIDER, M. N. **As atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul.** 2007. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- SENE, M. G.; BIAZOLLI, C.C.; BRANDÃO, S. M. “What deeply irritates you”: subjective evaluation na societal evidence of (socio)linguist phenomena. In: **Understanding Linguistic Prejudice: Critical Approaches to Language Diversity in Brazil.** Springer, 2023.
- SENE, M. G. **A percepção sociolingüística de gêneros e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio.** 2022. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2022.
- SENE, M. G.. **O pitch médio e a indexação de gênero e sexualidade.** In: XII Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP, 2020, Araraquara. Diálogos entre a Linguística e a sociedade: perspectivas teóricas e práticas. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2020. v. 1. p. 90-90.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.
- ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas.** Londrina: Eduel, 1998. p. 31-54.

*Recebido em: 24/03/2023
Aprovado em: 07/06/2023*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.